26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
ISSN 2177-3688

GT 10 – Informação e Memória

MEMÓRIAS DOS AGRICULTORES DE UMA COMUNIDADE RURAL REPRESENTADAS À PARTIR DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

MEMORIES OF FARMERS FROM A RURAL COMMUNITY REPRESENTED BY THE DISCOURSE OF THE COLLECTIVE SUBJECT

Rosiane Maria – Universidade Federal de Santa Catarina /(UFRS)
Luciane Paula Vital – Universidade Federal de Santa Catarina /(UFRS)
Rodrigo de Sales – Universidade Federal de Santa Catarina /(UFRS)

Modalidade: Trabalho completo

Resumo: Este estudo analisou os efeitos da aceleração do tempo no planejamento dos agricultores e nos saberes tradicionais de uma comunidade rural próxima a Florianópolis, bem como os fatores que contribuem para a precarização do tempo em suas vidas. Quanto aos procedimentos, é uma pesquisa qualitativa, bibliográfica, exploratória e descritiva e para a análise dos dados utilizou-se o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) de Lefreve e Lefreve. Os resultados indicaram as mudanças climáticas como maior fator de aceleração do tempo na vida dos agricultores. Tais fatores afetam o planejamento dos agricultores, e contribuem para o desaparecimento dos saberes tradicionais da comunidade estudada. Conclui-se que a Epistemologia da Ciência da Informação pode contribuir fortalecendo grupos minoritários a resistirem contra as forças externas, e resgatarem a conexão com o meio ao qual sempre pertenceram e desse modo descolonizar a forma de trabalharem e terem qualidade de vida.
Palavras-chave: memória; aceleração do tempo; pequenos agricultores; discurso do sujeito coletivo; Ciência da informação.

Abstract: This study analyzed the effects of accelerated time on farmers' planning and traditional knowledge in a rural community near Florianópolis, as well as the factors contributing to the precariousness of time in their lives. Regarding procedures, it is a qualitative, bibliographic, exploratory, and descriptive research, and the Collective Subject Discourse (CSD) of Lefreve and Lefreve was used for data analysis. The results indicated

climate change as the greatest factor accelerating time in the lives of farmers. These factors affect farmers' planning and contribute to the disappearance of the traditional knowledge of the studied community. It is concluded that the Epistemology of Information Science can contribute by strengthening minority groups to resist external forces and reclaim their connection with the environment to which they have always belonged, thus decolonizing their way of working and achieving quality of life.
Keywords: memory; time acceleration; small farmers; discourse of the collective subject; Information science.

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação, devido a seu aspecto interdisciplinar, vem desenvolvendo ao longo dos anos uma abrangência de abordagens de pesquisa em diferentes áreas do saber. Devido a este paradigma epistemológico tem-se encontrado na literatura da CI a transversalidade temática, e neste estudo trataremos sobre a precariedade do tempo na vida dos trabalhadores rurais, consequência de sua aceleração.

O tema pode parecer complexo de ser relacionado com a CI, entretanto, se for abordado levando-se em consideração a Organização do Conhecimento logo se percebe a possibilidade de entrelaçamento entre as áreas. O território em que esse grupo pertence e atua é permeado de saberes e práticas locais que são repassadas de uma geração para outra por meio da oralidade, que nada mais são do que informações relevantes dos seus afazeres diários e que a precariedade do tempo pode ser um fator invisível (aos olhos deles) do desaparecimento das heranças culturais.

Atualmente tem-se a sensação que o tempo encurtou, estamos ansiosos, correndo para dar conta de algo que parece não ter fim. É comum escutarmos expressões como a citada por Turin (2016, p. 587) “o futuro não é mais o que era”, “o passado que não passa” ou, ainda, um “presente que tudo consome”. Quem está ditando este tempo?

Há quem diga que o avanço acelerado do modelo de sociedade global capitalizado consumiu também o tempo histórico, isto é, o tempo percebido por meio das mudanças. Esse tempo que vem se acelerando pelo menos desde o século XVIII (o tempo da viagem a cavalo, do barco à vela, da troca de cartas, das feiras sazonais que por muitos anos determinou o ritmo da história) foi sendo encurtado pelas tecnologias (Koselleck, 2006).

Na mesma lógica, Turin (2022, p. 166) diz que “a hiperaceleração social e a expansão planetária da produção capitalista, com sua dependência de uma “natureza barata”, associada a um avanço disruptivo das tecnologias, convergiu para um cenário cada vez mais

distópico[...]". O ritmo acelerado é percebido nas descobertas, no descolamento, no envio de informações e até na transmissão de doenças. Em consequência, surgem os movimentos em oposição para resistir ao presentismo ou modos de criação do futuro, tais como os defensores do decrescimento da economia global, os movimentos slow-food, os que exigem respeito às diferenças de ritmo, de gênero, de modos de vida, etnia, de seres vivos, entre outros (Koselleck, 2006).

De acordo com Latour (2020 *apud* Freyesleben, 2020, p. 1102) "saímos de um 'Antigo Regime', no qual as noções de ciência e política pareciam estar separadas (bem como as noções de natureza e cultura) e estamos no início de um 'Novo Regime', o climático".

Conforme Turin (2022, p. 166), "a incomensurabilidade entre os tempos da humanidade e da natureza, distinguidos então pelos saberes geológico e histórico, produzia a sensação de um horizonte ilimitado para os humanos[...]", entretanto, o 'Novo Regime Climático' apresenta-se como possível limitador das façanhas (destrutivas) do homem na terra". E continua pontuando que, "talvez o que mais marque a nossa condição contemporânea seja o fato de que uma catástrofe cósmica não é mais algo inscrito em um horizonte inabarcável ou improvável, distante de nossos olhos, e sim uma experiência contemporânea e imediata".

A desigualdade social se estende aos grupos mais vulneráveis da sociedade. Nesse contexto, os debates e estudos frequentemente concentram-se nas populações residentes em áreas urbanas, enquanto as comunidades rurais, incluindo os agricultores que desenvolvem a agricultura familiar, ainda recebem menor visibilidade. Embora representem uma parcela significativa da população e desempenhem atividades fundamentais para a segurança e a sobrevivência alimentar da sociedade, suas experiências e demandas ultrapassam a dimensão exclusivamente produtiva.

A atuação dos agricultores familiares é frequentemente reconhecida apenas no âmbito da produção agrícola e do fornecimento de alimentos. Entretanto, é necessário ampliar esse olhar para compreender outras dimensões que permeiam suas vidas: como vivem? Quais são suas experiências, sentimentos e desafios cotidianos? De que maneira preservam e transmitem seus conhecimentos e saberes tradicionais às novas gerações? E, diante das transformações provocadas pelas mudanças climáticas, quais estratégias desenvolvem para manter suas práticas, identidades e culturas vivas?

Mediante está problemática, esta pesquisa preocupa-se em dar voz aos que fazem parte desse grupo e compreender suas percepções mediante as transformações que o mundo está passando e como percebem o tempo atual. Pois, quando determinados grupos sociais permanecem invisibilizados ou sub-representados, torna-se necessário promover sua visibilidade e assegurar que suas vozes sejam consideradas nos processos de produção, organização e disseminação da informação (Silva; Garcez; Silva, 2022).

Desse modo, o presente estudo tem por objetivo compreender de que maneira os processos contemporâneos de precarização e aceleração do tempo, experienciados no contexto rural, repercutem sobre os processos de produção, organização, circulação e preservação dos saberes e das práticas informacionais constituídos nesse espaço social.

Para o alcance desse objetivo, foi realizada uma pesquisa de campo em uma comunidade rural localizada no município de Biguaçu, no Estado de Santa Catarina. A análise do material empírico produzido na investigação foi desenvolvida mediante a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), possibilitando a sistematização das representações compartilhadas pelos participantes e a compreensão das experiências e significados atribuídos aos processos investigados.

2 COMUNIDADE RURAL: REGISTRO DE MEMÓRIAS

> No semear palavras os primeiros passos da minha vida, os mais velhos me orientaram a ouvir os cantos dos pássaros e os chiados da mata. Compreendo o ambiente onde dei os meus primeiros passos como uma das bases de lançamento da minha trajetória. Uma memória maravilhosa desse tempo, que ainda pulsa, é acordar ouvindo o canto da passarada informando quais as condições meteorológicas do dia (Santos, 2023, p. 21).

Silva e Hespanhol (2016, p. 363) destacam que nos estudos sobre comunidade há duas perspectivas, a primeira tem contribuição dos autores clássicos e consideram que uma comunidade "[...]é composta pelas principais características: coesão social e relações recíprocas, partilhando condições básicas de uma vida em comum, fundadas nas relações de parentesco, amizade e vizinhança."

A segunda acepção, dos autores contemporâneos, entende que as novas tecnologias da informação e da comunicação contribuem para a constituição de uma comunidade estética, em que vigoram determinados padrões e comportamentos individualistas (Silva; Hespanhol, 2016).

Os conceitos sobre comunidade rural são semelhantes, Silva e Hespanhol (2016, p. 362) destacam que “Em várias regiões do Brasil utiliza-se a terminologia ‘comunidade rural’ para designar um grupo de pessoas que vive nas áreas rurais e que partilham dos mesmos eventos, tradições e costumes”. Para Kayser (1990), o ‘rural’ é um modo particular de utilização do espaço e da vida social, seu estudo supõe a compreensão dos contornos, das especificidades e das representações deste espaço rural, entendido, ao mesmo tempo, como espaço físico (referência à ocupação do território e aos seus símbolos), lugar onde se vive (particularidades do modo de vida e referência identitária) e lugar de onde se vê e se vive o mundo (a cidadania do homem rural e sua inserção nas esferas mais amplas da sociedade).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023) define como rural a área externa ao perímetro urbano de um distrito, composta por setores classificados como: rural-de-extensão urbana, rural-povoado, rural-núcleo, rural-outros aglomerados, rural-exclusive aglomerados.

Batista (2023, p. 2) apresenta um conceito mais contemporâneo, por considerar a política como um fator que permeia o espaço rural, de acordo com o autor “são espaços de vida e trabalho, tradições e identidades, que desempenham funções importantes nas perspectivas social, ambiental, cultural e econômica, denotando uma condição política para o espaço rural, reconhecida nas plataformas e agendas governamentais de desenvolvimento territorial”.

Cabe porém esclarecer que comunidades rurais não são espaços em que vivem somente pessoas que desempenham atividades rurais (agricultura, pecuária e outras). É um espaço territorial que por suas características, moram pessoas que vivem nela e trabalham na cidade, pessoas aposentadas, pessoas que optaram em viver nela pela qualidade de vida e ainda as pessoas que vivem nas cidades e tem residência para passar os finais de semana nestes territórios. Comunidade Rural é pensada pela maioria dos indivíduos de forma romantizada, em um lugar de paz, de sossego, de fartura de alimentos, de natureza preservada e exuberante e com pessoas saudáveis que trabalham na roça. Não deixa de ter essas características também, entretanto, é relevante saber que em uma comunidade rural as rotinas iniciam antes do sol nascer e se estende ao escurecer do dia. Enquanto ocorrem as atividades é comum ter barulho de máquinas agrícolas e animais dividindo o mesmo espaço

nas vias de locomoção. É comum também o barulho de animais e odor não apreciados de adubação orgânica, de produção de silagem, de compostagem animal, entre outros.

Sendo assim, para aqueles que buscam características relacionadas com 'tudo são flores no meio rural' essas peculiaridades da roça não são compreendidas, pois elas, em sua maioria, possuem o propósito de fugir daquilo que estamos discutindo neste estudo, o 'tempo precário', para ter sossego no campo e são impactadas com a realidade vivida na roça.

A Ciência da Informação abarca todas as áreas do saber, pois ela dá conta de transformar dados em conhecimento por meio de abordagens próprias, como afirmam Capurro e Hjörland (2007, p. 187), a "informação deve ser definida em relação às necessidades dos grupos-alvo servidos pelos especialistas em informação, não de modo universal ou individualista, mas, em vez disso, de modo coletivo ou particular. Informação é o que pode responder questões importantes relacionadas ao grupo-alvo.". Cabe portanto saber se abordagens dão voz de forma justa a todos os grupos sociais ou se ficam sujeitos à margem, se essas falas além de gerarem conhecimento, também podem gerar justiça social.

Esse estudo conecta e propõe a representação da informação como uma estratégia de registro da memória de um grupo, como os agricultores, por meio do Discurso do Sujeito Coletivo. Discurso do Sujeito Coletivo do grupo de agricultores pode servir como base para uma política que traga qualidade de vida para essa comunidade, ouvindo-os e organizando suas memórias e formas de estar na vida.

3 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Como o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) será o procedimento adotado para analisar os dados da pesquisa, considera-se importante compreender a Teoria das Representações Sociais (TRS), já que a mesma é a base teórica que explica como esses discursos coletivos se formam e circulam na sociedade.

Jodelet (2023) em sua obra sobre as representações sociais no campo da cultura, ressalta que os sujeitos ao fazerem parte de várias realidades sociais, tendem não somente a assimilar informações, representações e identidades conformadas a eles, mas também exercem ações sobre elas, classificando-as, tensionando-as e reelaborando-as com sua própria realidade.

Lefreve, Lefreve e Marques (2009) sustentam para que o pensamento coletivo possa se constituir por meio da pesquisa empírica, é de fundamental importância a constituição de

um sujeito portador desse discurso coletivo, ou seja, um sujeito coletivo (Lefreve; Lefreve; Marques, 2009).

Lefreve e Lefreve (2005, p. 16) destacam que "[...] o discurso do sujeito coletivo, em suma, é uma forma ou um expediente destinado a fazer a coletividade falar diretamente". Considera-se que o DSC se configura em uma estratégia importante para os objetivos deste estudo.

4 TRILHA METODOLÓGICA

Trata-se de uma pesquisa etnográfica, de natureza aplicada, descritiva e exploratória e terá como instrumento de coleta de dados o diário de campo e o roteiro de entrevista composto por duas questões abertas.

Decidiu-se por ser etnográfica pelo fato da mesma ser uma "especialidade da antropologia, que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião, e manifestações materiais de suas atividades [...]. (Mattos; Castro; 2011, p. 53).

O universo da pesquisa foi a comunidade rural de Limeira, que fica localizada no bairro de Três Riachos, no município de Biguaçu, Santa Catarina. A comunidade possui cerca de 150 famílias, das quais 13 vivem da agricultura familiar.

A comunidade não é tomada como representação da totalidade das comunidades rurais, mas como um caso empiricamente significativo, cuja especificidade permite acompanhar, em escala local, processos sociais mais amplos relacionados à precarização, à aceleração das temporalidades e às transformações nos modos de produção e circulação dos saberes.

Para a coleta de dados foi utilizado um roteiro de entrevista, com duas perguntas abertas. Quanto ao roteiro de entrevista, antes de entrevistar cada participante, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que tem por objetivo possibilitar o amplo esclarecimento sobre a investigação a ser realizada, seus riscos e benefícios, para que a sua manifestação de vontade no sentido de participar (ou não), seja efetivamente livre e consciente. O roteiro de entrevista foi composto pelas seguintes perguntas:

a) Você sente que o ritmo de trabalho na roça se tornou mais acelerado ou precário, e como isso se relaciona, ou não, com os ciclos naturais da terra e sua própria noção de planejamento e futuro?

b) De que maneira os processos de precarização e aceleração do tempo vivenciados pelos agricultores impactam a produção, a disseminação e a preservação dos saberes e práticas tradicionais? Existe alguma preocupação em manter essas informações vivas no meio rural, já que são memórias passadas de geração em geração por meio da oralidade e da prática?

As respostas das questões foram transcritas em duas fichas, a primeira para a resposta "**a"** e a segunda para a resposta **"b",** cada ficha contém 3 colunas e 10 linhas. A primeira coluna, bem como às 10 linhas receberam os sujeitos (agricultores) e seu respectivos números (para diferenciar cada sujeito), a segunda coluna e suas respectivas linhas receberam as respostas da perguntas, e nelas foram identificadas as **Expressões-chave** que são os Instrumentos de Análise do Discurso **(IAD/1)**, na terceira coluna consta a **Ideia Central** que são os Instrumentos de Análise do Discurso **(IAD/2)** e por meio das análises de todas as Expressões-chave e as Ideias Centrais foi desenvolvido o Discurso do Sujeito Coletivo de Lefreve e Lefreve, que deu sustentação para a análise e discussão.

5 A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DAS MEMÓRIAS DOS AGRICULTORES, A PARTIR DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Mediante a aplicação da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), foi possível construir o discurso, o qual expressa e simboliza as representações sociais compartilhadas pelo coletivo pesquisado acerca das memórias, vivências e experiências históricas dos agricultores. Tal discurso evidencia os elementos culturais, sociais e afetivos que permeiam a trajetória desses sujeitos, revelando percepções construídas coletivamente ao longo do tempo e que contribuem para a preservação da identidade, das tradições e da memória comunitária local.

As falas dos sujeitos foram transcritas respeitando a originalidade linguística do coletivo. No momento da entrevista teve-se a preocupação de mediar as perguntas de forma mais compreensível possível para que os agricultores não tivessem dúvidas sobre o que se estava perguntando a eles.

A seguir é apresentado o Discurso do Sujeito coletivo (DSC) resultante das entrevistas realizadas:

> **O ritmo de trabalho na roça se tornou mais acelerado ou "precário", os ciclos naturais da terra, planejamento e futuro dependem do clima**. A gente até planeja,

> mas não é sempre que dá. A correria é tão grande que o tempo passa e quando se vê não consegue mais plantar aquilo naquele tempo que era para plantar. O nosso clima tem afetado muito nós, muito, muito mesmo. Isso aí acaba com o agricultor. É bem complicado. Semana toda de chuva, a gente não sabe o que fazer, a gente fica sem chão, porque atrasa tudo. Tanto no plantio, quanto na colheita. Não dá mais aquele tempo certinho como dava. Aqui para o sul nosso tempo é curto para plantação. A luta do agricultor pra cá é sofrimento mesmo. O verão está esquentando demais. O clima desregula, chove duas, três semanas, de repente dá um mês de sol, a gente não consegue produzir igual a gente produzia a 10, 15 anos atrás. Não consegue colher a mesma coisa e se não colhe não tem dinheiro pra pagar as contas. Não consegue fazer nem perto daquilo que a gente tinha vontade de fazer. E isso vem acontecendo de uns tempos, de uns anos para cá. A gente tem um calendário e o clima realmente é que é o chefe do agricultor. Não tem como a gente fazer um cronograma, consegue antecipar ou adiar, e por causa disso a gente não tá conseguindo plantar nas fases da lua certa, nos meses sem R, e faz toda diferença. O clima teve uma alteração, não é como antigamente. Quando para de chover a gente não sabe o que fazer primeiro, se colhe, se planta, é uma loucura. Por causa disso tudo a gente vai mais cedo pra roça volta mais tarde porque precisa aproveitar o tempo bom. **As mudanças no meio rural e a precarização e aceleração do tempo impactam também na produção, organização e preservação dos saberes e práticas tradicionais no meio rural.** Essas coisas chegaram até nós, por meio dos avós, do pai, da mãe, então eu acredito muito, eu tenho fé nisso aí. Coisa antiga, mas resolve. A gente devia seguir mais os passos dos antigos, a gente vai deixando as coisas assim importantes de lado. A lua influencia em tudo na terra, principalmente no plantio. Tem coisas que se tu plantar fora da época da fase da lua, tu não vai colher um produto de qualidade. Até na castração dos animais a fase da lua influencia,já os remédios caseiros para o gado, aqueles purgantes eu nunca mais usei, não lembro das receitas. A maioria dos agricultores ainda respeita esses ensinamentos. As ervas de chá também são muito importantes. As benzeduras pra quem acredita dá muito certo. Pra podar as plantas também, geralmente é no mês que não tem R. Até madeira também, se for cortar já tem que olhar a fase da lua certa para ela não criar cupim. Antigamente nossos pais tinham as fases da lua tudo anotado. A fase da lua que a gente planta as plantas que dão os produtos debaixo da terra, as que dão em cima da terra se planta em outra fase da lua, na lua enchente, na minguante. Eu acho que isso é uma coisa muito importante, e não devia deixar se acabar. As coisas mudaram, antigamente a gente aqui em casa curava as doenças tudo com chá e remédio feito em casa, agora a gente usa bem pouco. Não tenho nada anotado. Se a gente plantasse igual antigamente só para a sobrevivência, poderia viver mais sossegado e teria tempo para aguardar e plantar nas fases da lua certa. O chá aqui em casa ninguém mais usa, se perdeu tudo. Eu converso com os filhos, conto como era antigamente, mas eles não querem saber mais nada disso (comunicação oral).

Cabe destacar que as frases apresentadas em negrito no DSC correspondem às perguntas norteadoras realizadas ao coletivo de agricultores durante a pesquisa. As formulações dessas questões mostraram-se fundamentais para estimular os agricultores a refletirem e falarem sobre aspectos do cotidiano produtivo, especialmente no que se refere ao planejamento agrícola e aos saberes tradicionais.

6 ANÁLISE, REFLEXÃO E DISCUSSÃO

A análise foi desenvolvida com base nos pressupostos metodológicos do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), contemplando as duas questões norteadoras da pesquisa e estabelecendo diálogo com a literatura especializada, representada por autores de referência que subsidiam a compreensão da problemática em discussão.

O DSC dos agricultores deixou evidente que o planejamento do agricultor vem sendo afetado pelo fenômeno climático, de acordo com o discurso do sujeito coletivo, não é mais possível cumprir os ciclos naturais da terra, eles planejam o calendário de plantio e colheita, mas as chuvas excessivas ou os longos períodos de sol alteram o planejamento.

Turin (2023, p. 720) afirma que, “A dimensão climática, nesse contexto, tem se mostrado central, atravessando os modos como os diferentes grupos sociais refiguram suas formas de temporalização”. Nesse contexto, o agricultor ocupa posição central, uma vez que as mudanças climáticas impactam diretamente o plantio, a colheita e a segurança alimentar. Assim, o clima configura-se como um tempo comum, compartilhado coletivamente.

No vai e vem nas roças, o dia a dia vai se alterando e se moldando conforme o clima estabelece, “ele é quem manda” conforme está explícito no DSC. Sim, sempre mandou, mas **metaforicamente** falando, a relação entre o agricultor e o clima, tornou-se nos últimos anos conflituosa, tanto um, quanto o outro (clima e agricultor) apresentam-se agressivos, persistentes e instáveis. O agricultor cansado e inconformado reclama quando se tem longos períodos de sol ou muita chuva, ameaça desistir de tudo, diz que vai largar a roça, chora escondido, depois basta uma pequena estabilidade do clima e ele se reconcilia com a natureza e recomeça. Metaforicamente, enquanto o clima se altera na sua “natureza” ferida, não suporta mais tanta agressão, e reflete sobre os agricultores longos períodos de chuvas, secas prolongadas, estações indefinidas e misturadas. O clima não distingue lugares, pessoas, espaços para lançar suas lamúrias. O agricultor se pergunta por que o tempo está fazendo isso com eles. A natureza pergunta por que o agricultor se desconectou dela. Estaria a natureza sendo injusta com os pequenos agricultores, considerando-se eles protetores dela? Ou estaria os agricultores sendo injustos com a natureza por tê-la traído ao entrar em um relacionamento com o sistema capitalista e esquecendo-se da conexão necessária.

A reflexão vai de encontro com a análise de Poliny no livro que escreveu cujo tema é ‘A grande transformação’, onde o autor diz que “uma produção acessória para o mercado, não precisa destruir a autossuficiência doméstica, uma vez que a colheita seja reinvestida na

colheita, para sustento, seja como gado ou cereal, a venda dos excedentes não precisa destruir a base da domesticidade" (Polanyi, 2021, p. 74).

A precariedade do tempo também exerce influências nas práticas tradicionais dos agricultores. Os saberes e fazeres tradicionais já não são praticados com frequência em comunidades rurais, porém todos mencionaram que consideram as práticas importantes.

As fases da lua estão entre os saberes tradicionais mais utilizados, nas entrevistas contaram como se deve plantar seguindo as orientações das fases da lua, a maioria dos agricultores ainda utilizam as fases da lua nos seus fazeres rurais, entretanto, as mudanças climáticas tem sido um empecilho para a manutenção dessas práticas.

Também comentaram sobre os métodos utilizados para curar doenças com ervas medicinais e benzeduras e que essas práticas estão entre as que menos são utilizadas na comunidade. Falaram sobre os purgantes produzidos com ervas para curar doenças de animais, principalmente bovinos, práticas muito utilizadas pelos seus antepassados e que na atualidade as agropecuárias são as protagonistas neste meio, fazendo com que os saberes tradicionais não tenham mais relevância no meio rural.

A fala sobre os saberes e fazeres tradicionais foi nostálgica e reflexiva, foi possível perceber que tinham interesses em praticar e utilizar, mas junto ao interesse deixavam explícito que não dispunham mais de tempo para voltar a desenvolver essas práticas.

A transmissão dos saberes tradicionais ocorria/ocorre oralmente entre as pessoas da comunidade, houve poucos relatos dos agricultores sobre anotações em algum suporte físico e/ou ensinamentos por meio de práticas para o aprendizado das novas gerações. São fatores que implicam no desaparecimento das práticas tradicionais, pois só a transmissão não basta para a manutenção desses saberes, as práticas são essenciais para compreender os processos e o significado no meio rural.

O DSC dos agricultores demonstrou que os saberes e práticas tradicionais da comunidade rural estudada era/é formada por crenças rurais de benzeduras (para pessoas e animais), calendário lunar para plantio, podas de plantas, corte e serra de madeira, para reprodução e castrações de animais, entre outros. Também de utilização de ervas medicinais pelas famílias para curar suas enfermidades e para produção de purgante para curar as doenças dos animais, principalmente os bovinos.

O DSC da comunidade rural estudada relatou a sua relação com a agricultura levando em consideração o planejamento e a importância das práticas tradicionais. Todos esses aspectos foram analisados para constatar o impacto da aceleração do tempo na vida deles e na manutenção dos saberes tradicionais na comunidade.

Desse modo, o agricultor vive um tempo precário, sempre em falta, pressionado por demandas externas, sem o controle pleno sobre seus próprios ritmos. À medida que o ritmo do mundo econômico e tecnológico se impõe sobre o ritmo da natureza e da vida rural, o tempo do agricultor torna-se instável, fragmentado e alienado, um tempo sem consonância, marcado pela urgência e pela incerteza.

O tempo deixa de ser vivido como um tempo de cultivo, espera e cuidado e passa a ser tempo de prazos e urgências. De acordo com Rosa (2017), essa aceleração gera alienação temporal, a pessoa não se reconhece mais no fluxo da sua própria vida. Pode-se também relacionar com o "regime de historicidade" que Hartog criou para falar do "presentismo" que estamos vivendo, o autor comenta que "O presentismo é esse regime de historicidade em que o presente se torna o horizonte de experiência e de expectativa, absorvendo tanto o passado como o futuro." (Hartog, 2013, p. 146). Desse modo, a aceleração do tempo, transforma o tempo agrícola, que era cíclico e vinculado às estações em um tempo instável, fragmentado e inseguro.

A reflexão dá sentido quanto Krenak (2019, p. 22-23) diz que "A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. ". Desse modo, o descolamento que Krenak comenta é a desconexão com o território, perde-se a essência rural e os agricultores não se dão conta que o que vem ocorrendo não é só a precariedade da vida material, mas também o descolamento da dimensão simbólica e espiritual do tempo vivido, o tempo do cuidado, da observação da natureza, do convívio comunitário.

Davi Kopenawa, em sua obra 'A queda do céu', critica diretamente a lógica ocidental que separa o homem da natureza e acelera o tempo em busca de lucro. Para ele, os brancos não sabem mais parar, correm atrás de suas mercadorias e esquecem de respirar o tempo da terra (Kopenawa, Bruce, 2015).

Conforme está explícito no DSC dos agricultores, tradicionalmente, o tempo dos pequenos agricultores era o tempo cíclico da natureza, o tempo das estações, das chuvas, da lua e dos saberes transmitidos entre gerações e agora percebe-se uma desconexão ou o descolamento, termo utilizado por Krenak (2019). Os agricultores adotaram o modo de produção capitalista, viveram um período curto de estabilidade, mas a crise climática bateu à porta e desde então estão vivendo um tempo precário. Eles estão sob o jugo das mudanças climática, condenados a precarização do tempo, tal como a própria terra que cultivam/aram, adubam, plantam, aplicam os "defensivos", colhem….aram, adubam…. nem a terra e nem o agricultor tem tempo para o descanso, e assim vão se dissolvendo no tempo. O que a Ciência da informação pode fazer por eles?

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as mudanças climáticas e a aceleração do tempo têm impactado significativamente os modos de vida dos agricultores, afetando tanto suas práticas produtivas quanto a preservação de saberes tradicionais. Nesse contexto, a Ciência da Informação pode contribuir para o fortalecimento e a valorização desses conhecimentos, promovendo o diálogo entre diferentes formas de saber e apoiando grupos historicamente marginalizados. O deslocamento do saber escrito para outras formas nos parece premente na área, como lidar com conhecimentos que não estão materializados em livros e nem disponíveis para tratamento e recuperação em bases de dados e sistemas de informação? Assim, espera-se que a aproximação entre pesquisadores e comunidades rurais favoreça a construção de alternativas que preservem a identidade cultural, reforcem os vínculos com a natureza e o território e contribuam para formas de vida mais dignas e sustentáveis, também compromissos da Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Márcio Luciano Pereira Batista *et al.* Comunidade rural do Nordeste brasileiro: um cenário de reflexão para a formulação de políticas de desenvolvimento local e empreendedorismo sustentável. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, e-2022-0160, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rap/a/4BnGtngpMRYkvFpyW5kytwv/. Acesso em: 24 out. 2026.

FREYESLEBEN, Alice Fernades. Crônicas da urgência: os desafios das ciências na criação do futuro no Antropoceno. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 37, n. 3, p.

1099-1119, dez. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.5007/2175-7941.2020v37n3p1099. Acesso em: 24 out. 2026.

HARTOG, François. Experiências do tempo: da história universal à história global? **História, histórias**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 164-179, 2013. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/download/10714/9409/19193. Acesso em: 24 out. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Proposta metodológica para classificação dos espaços do rural, do urbano e da natureza no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102019.pdf. Acesso em: 24 jul. 2025.

JODELET, Denise. As representações sociais no campo da cultura. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 9, p. 7-27, 2003. Disponível em: https://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/v7n09a02.pdf. Acesso em: 24 jul. 2025.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. Prefácio: Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Disponível em: https://www.companhiadasletras.com.br/9788535926200-a-queda-do-ceu/p. Acesso em: 24 out. 2026.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. Disponível em: https://ppghs.fflch.usp.br/sites/ppghs.fflch.usp.br/files/KOSELLECK%2C%20Reinhart.%20Futuro%20passado.pdf. Acesso em: 14 jul. 2025.

KRENAK, Airton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Disponível em: https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788535933581/ideias-para-adiar-o-fim-do-mundo. Acesso em: 24 out. 2026.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. de. A abordagem etnográfica na investigação científica. *In*: MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de (org.). **Etnografia e educação**: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83. Disponível em: http://books.scielo.org/id/8fcfr. Acesso em: 24 out. 2026.

POLANYI, Karl. **A grande transformação**: as origens da nossa época. Tradução: Fanny Wrobel. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

ROSA, Hartmut. Modernidade dessincronizada: aceleração social, destemporalização e alienação. João Lucas Faco Tziminadis. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 22, n. 43, p. 365-383, 2017. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/10462. Acesso em: 4 jul. 2025.

SANTOS, Antonio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora; Piseagrama, 2023. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8748486/mod_resource/content/1/Antonio%20Bispo%20dos%20Santos%20-%20A%20terra%20da%CC%81%2C%20a%20terra%20quer-Ubu%20Editora%20%282023%29.pdf. Acesso em: 24 out. 2026.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; SILVA, Rubens Alves da. Conhecimento das margens: da injustiça epistêmica à valorização do conhecimento negro em Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 1-19, 2022. Disponível em: https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1885/pdf. Acesso em: 4 jul. 2025.

SILVA, Juniele Martins; HESPANHOL, Rosangela Aparecida de Medeiros. Discussão sobre comunidade e características das comunidades rurais no município de Catalão (GO). **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 28, n. 3, p. 361-374, set./dez. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sn/a/Z6GhsmgCyPygSPDvKr3YTZM/?lang=pt. Acesso em: 4 jul. 2025.

TURIN, Rodrigo. As (des)classificações do tempo: linguagens teóricas, historiografia e normatividade. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 586-601, jul./dez. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/topoi/a/X3b9hLHShPtkCcwSq64y85c/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 14 jul. 2025.

TURIN, Rodrigo. Antropoceno e futuros presentes: entre regime climático e regimes de historicidade potenciais. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 54, p. 703-724, set./dez. 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2237-101x02405404. Acesso em: 24 out. 2026.